

Candidato tropeça nas promessas

Do Correspondente

Boa Vista — O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, cometeu uma gafe ao discursar ontem em Boa Vista, prometendo que, se eleito, Roraima deixará de ser uma filial do Palácio do Planalto e um departamento do Ministério do Interior. Desde o dia 5 de outubro do ano passado, com a promulgação da nova Constituição, Roraima é Estado, estando, portanto, livre daquelas condições de quando era Território.

“Vou fazer na Presidência da República um exercício diário de caráter e de vergonha”, prosseguiu o candidato em suas promessas, ao conceder uma entrevista coletiva à imprensa. Ele adiantou que não revidará às críticas dos adversários, especialmente do candidato do PDT, ex-governador Leonel Brizola.

Por repetidas vezes o presidente Collor pediu para não ser abandonado. “Não me deixem só”, gritava Collor para uma multidão alucinada, que não parava de gritar seu nome, num delírio que mais assemelhava-se com um show de rock.

Entre gritos roucos de Collor, apelando para que não o deixem “só nessa luta”, e gritos do povo, o presidente encerrou seu comício prometendo acabar com o drama da população de Roraima, onde permaneceu por três horas, que não tem estrada asfaltada, disse que vai regularizar a situação da exploração do ouro no Estado e transformar a região num celeiro de produção de grãos do País.

PEDIDOS

A doméstica Severina Lima Sobral, 39 anos, residente na periferia de Boa Vista, furou o cerco da segurança, conseguiu aproximar-se de Fernando Col-

lor de Mello e entregou-lhe uma carta contendo três reivindicações que, segundo ela, podem livrar os pobres de Boa Vista de tanto sofrimento.

Ela pede o asfaltamento da rodovia BR-174, que liga Boa Vista ao Estado do Amazonas e daí ao resto do País — atualmente interditada por causa das chuvas —, mais segurança para o Estado e que seja construída uma hidrelétrica, a fim de espantar o fantasma do racionamento.

A verdade, é que Roraima jamais viu tamanha manifestação de apoio a um político. Nem a vinda do então presidente da República João Figueiredo, em 1982, foi capaz de reunir tanta gente. Collor de Mello conseguiu o que políticos locais planejam para o futuro: reunir pessoas de todas as classes sociais num mesmo grupo, apesar da inexpressividade do Partido da Reconstrução Nacional.